



Veículo: EAD Folha Dirigida

Jornalista:

Coluna:

Seção: Artigos

Data: 16/02/2011

Tema:

Página:

Assunto:

Tamanho: 58

[LINK](#)



FOLHA DIRIGIDA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Democracia do saber

Carlos Alberto Chiarelli ()*

Talvez pouca gente saiba que no Brasil há mais de 2,6 milhões de alunos de cursos de Educação a Distância (EAD). Destes, 1,1 milhão faz cursos seriados (Administração e Pedagogia são os preferidos) e 1,2 milhão faz cursos livres (idiomas, treinamento, especialização etc.), além de quase 500 mil que são alunos de cursos de qualidade oferecidos pelas empresas nas quais são empregados.

Interessante é que em 2000, considerando todos os alunos de EAD, o número mal passava de 5 mil estudantes. Em dez anos, o crescimento foi de mais de 500 vezes, superando, de longe, qualquer outro índice ou parâmetro educacional.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), ao aferir-se pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), tendo em vista as áreas básicas e mais numerosas de avaliação de concluintes (Administração, Matemática, Pedagogia e Serviço Social) a nota média obtida pelos estudantes originários da EAD foi 12% superior a dos que se prepararam em cursos presenciais.

E qual a razão? Não uma. Várias. Em primeiro lugar, a flexibilidade do local de aprendizagem, além da grande oferta de cursos (paradoxalmente, por serem a distância são mais acessíveis para serem utilizados). Em segundo lugar, a autonomia para o estudante de fixar o horário da aprendizagem, ajustando-o à disponibilidade de seu tempo. Em terceiro lugar, nos bons cursos de Ensino a Distância, que hoje são muitos e em crescimento, há a inclusão digital (videoaula, caderno digital, MP4, rede social etc.), fazendo com que a tecnologia, cada vez mais célere e inovadora, seja apropriada por essa metodologia ágil em detrimento de uma certa estagnação e conservadorismo da tradicional, isto é, do método presencial.

Aliás, há especialistas que questionam a denominação de Educação a Distância para tal metodologia, preferindo denominá-la de Educação com Prevalente Uso de Tecnologia, ou de Autoaprendizado. Importante é entender que Educação a Distância não é, como se fazia antes, mera filmagem e multiplicação de uma modorrenta e insípida aula presencial.

Ela requer planejamento pedagógico qualificado, indispensável ferramental didático, agente docente com capacidade de comunicação televisiva, emprego de recursos especiais facilitadores e uma direção de cena que assegure, a posteriori, uma edição na qual 50 minutos de exposição, com apresentação antecipada de presumíveis dúvidas e suas respostas, seja para o aluno mais interessante e produtivo que duas a três aulas presenciais monologadas e estáticas.

Destaque-se que 92% dos alunos de EAD estão na faixa dos 18 aos 39 anos, sendo que dominam numericamente os de 25/29 anos, com 26%, e os de 35/39 anos, com 30%. Isto indica o quanto a metodologia está trazendo de volta ao processo educacional alunos que se viram dele afastados por questões pessoais e pelas barreiras (local, horários, custo, segurança etc.) do ensino tradicional presencial.

Para concluir, uma nota sobre custos e preços. No ensino presencial há (conforme o Inep/MEC) 26% de alunos que ganham até três salários mínimos. Na EAD, são 43% os dessa faixa de renda. Enquanto isso, na faixa de estudantes com renda acima de dez salários mínimos, apenas 13% estão na EAD, enquanto 25% frequentam a presencial.

Compreende-se, pela tecnologia que qualifica em plena modernidade, pela flexibilidade que facilita (local, horário etc.), pelos preços que atraem e favorecem o mais pobre, o motivo do acelerado crescimento da EAD. Com ela, muitos que ganham menos e estavam impedidos de saber mais, voltam para habilitar-se na sadia competição da vida. Isso é o aspecto social saudável de uma verdadeira democracia de oportunidades: saber mais para valer mais.

**** Carlos Alberto Chiarelli é ex-Ministro da Educação e presidente da Aced (Associação da Cadeia Produtiva de Educação a Distância)***